

O bergantim real

BATEIS, GALÉS, BERGANTINS, GALEOTAS

E OUTRAS EMBARCAÇÕES DE GALA DOS NOSSOS REIS

Os nossos reis, antigamente, pelo habito em que estavam de mudar a miude a séde da sua corte, como já temos feito notar em outras occasiões, passavam uma boa parte da sua vida em continuadas viagens pelo interior do reino. N'essas excursões muitas vezes atravessavam o Tejo ou navegavam ao longo do seu curso. Bem é de crer que tivessem para seu uso embarcações aceiadas e decoradas como convinha ao lustre da realeza. Todavia, as nossas chronicas são falhas de noticias a tal respeito.

Sabe-se que el-rei D. Diniz, nas quadras do anno em que vivia em Lisboa, atravessava o Tejo muitas vezes para ir caçar nos bosques e charnecas da margem d'além. Mas nenhum escriptor nos diz qual fosse o feitio e adornos da embarcação em que fazia essas viagens pelo rio.

Celebrando-se as pazes entre Portugal e Castella em março de 1373, ao cabo de porfiosa e encarniçada guerra, ao tempo em que os castelhanos tinham Lisboa em apertado cêrco, foi accordado que os soberanos dos dois paizes se avistariam e conversariam em barcos no meio do Tejo. Chegado o dia aprazado para as vistas reaes, saíu el-rei D. Fernando dos seus paços da Alcaçova de Santarem, vestido e ornado com muita riqueza, e acompanhado do infante D. João, seu irmão, e dos fidalgos mais distinctos da sua corte, todos egualmente trajando custosas galas. Desceu a Alfange o prestito real, e embarcou-se nos bateis que alli o aguardavam.

Ao mesmo tempo embarcava el-rei D. Henrique II de Castella e sua comitiva, todos tambem trajados esplendidamente, em outros bateis, a meia legoa da villa de Santarem, onde este monarcha tinha n'essa occasião o seu acampamento.

Dirigindo-se então os bateis dos dois soberanos para o meio do rio, em frente d'aquella villa, onde se deviam juntar na fórma tratada, exclamou el-rei D. Henrique, como maravilhado, apenas avistou, já a curta distancia, o batel portuguez: «Formoso rei, formosa barca, e formoso arraes!»

Era, com effeito, el-rei D. Fernando o homem de mais gentil presença que havia no reino, pelo que lhe deram por epitheto — *o formoso*. E o fidalgo que ia ao leme do batel passava por ser, depois del-rei, o mais bello e guapo mancebo de Portugal. Lisonjeado este fidalgo com a expressão do monarcha de Castella, querendo commemoral-a e perpetual-a nos seus descendentes, accrescentou aos seus appellidos o de *Arraes*. D'elle descendem, pois, as diversas familias que usam d'aquelle appellido.

Quanto ao batel, que é o objecto que nos interessa, e para o qual trouxemos esta historia, entendemos que era *formoso*, não pela elegancia da fórma, nem pela riqueza das pinturas e doiraduras, mas simplesmente pelas sedas e brocados com que vinha guarnecido e armado, e pelas flammulas e galhardetes multicores que sobre elle fluctuavam. Isto devemos colligir, lendo na *Chronica del-rei D. Fernando*, por Duarte Nunes de Leão, que, ajustadas as vistas reaes, o cardeal de Bolonhã, creatura del-rei D. Henrique de Castella, e que andava em seu serviço, «fez que se apparelhassem tres bateis, dois em que fossem os Reis com certos que comsigo havião de levar, sem armas algumas, e o outro em que elle fosse, porque havia de ser fiel entre elles, e com elle os notarios para darem fé de tudo o que alli passasse.»

Por conseguinte, se el-rei D. Fernando tinha algum batel bem decorado para seu uso, não era aquelle de que falla a chronica, mas estaria em Lisboa, ou teria sido destruido pelos castelhanos no cêrco d'esta cidade, que acabavam de levantar, e durante o qual não pouparam ao ferro e ao incendio coisa alguma das que acharam fóra dos muros da cidade.

Até ao reinado del-rei D. Manuel não temos achado menção de batel ou outra qualquer embarcação do serviço do monarcha a que se possa attribuir luxo de construcção.

Ninguem ignora que o descobrimento da carreira

da India, as riquezas que d'ahi nos vieram, e o trato com os estrangeiros de quasi todos os paizes da Europa, que o commercio das especiarias do Oriente attrahia continuamente a Lisboa, ao mesmo tempo que policiaram os costumes, introduziram muitas praticas de luxo até então desconhecidas. El-rei D. Manuel, dando largas ao seu gosto, que o inclinava á ostentação, augmentou muito o fasto da casa real e o apparato das solemnidades da corte. Porém a funcção em que mais caprichou a sua vaidade de soberano rico e poderoso, foi a do consorcio de sua filha, a formosa infanta D. Beatriz, com o duque de Saboya. Dizem memorias d'esse tempo que se despenderam nos preparativos da viagem e nas festas com que solemnisaram os esponsaes, seiscentos mil cruzados; somma enormissima, se se attender a que o alqueire de trigo regulava n'aquella epocha (1521) de 20 a 25 réis.

Quem tiver lido na *Chronica del-rei D. Manuel*, por Damião de Goes, e em outros livros antigos, a descripção d'aquellas festas, que se prolongaram por muitos dias, a narração das magnificencias da armada que conduziu a infanta a Niza, na Saboya, composta de dezoito navios, não se admirará de que se gastasse em tudo isto uma tal quantia.

Para transportar a infanta do caes do Terreiro do Paço, onde embarcou, acompanhada del-rei seu pae e dos infantes seus irmãos, para bordo do galeão que havia de leval-a á Saboya, fez-se, ou preparou-se, uma embarcação, cuja riqueza alguns auctores encarecem sobremaneira.

Todavia, considerando que n'esses tempos o luxo e magnificencia dos paços reaes consistiam exclusivamente, além de algumas peças de mobilia e de baixella, nas sedas, brocados, guadamecins, e outras tapeçarias, com que se vestiam as paredes das salas, e se cobriam os bufetes, e se occultava o pavimento, de ordinario de tijolo, achâmos algum fundamento para suppor que a real galé de D. Manuel sobresaía pelo mesmo genero de galas que ostentava o citado batel del-rei D. Fernando.

Nos principios do seculo seguinte é que vemos mencionados um bergantim real ornado com muita riqueza, e galés reaes, que não deixam dúvidas ácerca da sua construcção grandiosa e ornamentada.

El-rei D. Filippe III de Castella veiu a Lisboa na primavera do anno de 1619, acompanhado, além de uma numerosa e luzida comitiva, de seu filho, o principe D. Filippe, que lhe succedeu no throno, da esposa d'este, a princeza D. Isabel, e da infanta D. Maria, filha del-rei. Partindo de Madrid com direcção a Badajoz, entrou na cidade de Elvas, e d'alli veiu em direitura á villa de Almada, onde chegou no dia 26 de maio, e ahi se aposentou, aguardando que se concluissem em Lisboa os preparativos que se faziam para a entrada da familia real na cidade, e para as festas que por esse motivo se deviam de celebrar. Porém, caíndo a solemnidade do Corpo de Deus em um dos dias immediatos á chegada de Filippe III áquella villa, resolveu-se este monarcha a vir incognito a Lisboa para ver a procissão, já n'esse tempo afamada pela sua riqueza e esplendor.

João Baptista Lavanha, chronista-mór do reino, que escreveu, por ordem do mesmo soberano, a descripção d'esta viagem [1], diz que el-rei passou a Lisboa em um *bergantim riquissimamente ornado*. Como não o descreve, não fica bem claro em que consistia a riqueza da ornamentação, se nas sedas e mais tapeçarias com que se enfeitava, se nas esculpturas e mais adornos proprios da construcção.

[1] É um livro, hoje raro, curiosissimo pelas noticias que dá, e pela vista geral de Lisboa que em gravura o adorna. Intitula-se: *Viagem da Catholica Real Magestade d'Elrei D. Filipe 2.º N. S.* (3.º de Castella) *ao Reyno de Portugal, e relação do solemne recebimento que nelle se lhe fez*. Sua Magestade a mandou escrever a João Baptista Lavanha, seu Chronista-mór (1622).

Não temos noticia da origem d'este bergantim. Parece-nos provavel que fosse feito durante os dois annos de 1581 a 1583, que D. Filippe II de Castella residiu em Lisboa, ou que este monarcha o mandasse vir de Hespanha para seu serviço no Tejo. Em todo o caso, o que é certo é que não tinha essa embarcação grandeza e magnificencia taes, que D. Filippe III a julgasse digna de o conduzir na sua entrada solemne em Lisboa, pois que mandou vir de Hespanha para esse fim grandes e sumptuosas galés, que lá tinha para seu uso.

Acabada a procissão de *Corpus Christi*, voltou D. Filippe III para Almada, e passados dias foi no mesmo bergantim, com toda a familia real, para Belem, onde ficou, hospedando-se no mosteiro dos monges de S. Jeronymo até ao dia da sua entrada na cidade, que se effeituou em 29 de junho; tanto tempo foi preciso para se concluirem os arcos triumphaes e outras construcções festivas, com que os moradores de Lisboa pretenderam captivar a benevolencia do segundo dos seus reis intrusos, na esperança de que, por essa manifestação, lhes fosse adoçado o jugo que pesava sobre a nação havia já perto de 38 annos.

As galés, mandadas vir de Hespanha, entraram a barra no dia 22 de junho. Eram treze, com a real, em que Filippe III se embarcou com os principes seus filhos, e seguido das outras com a sua comitiva, vieram desembarcar no Terreiro do Paço, em um extenso e soberbo caes de madeira, esplendida e vistosamente decorado, feito expressamente para essa funcção.

Lavanha, na citada obra, descreve do seguinte modo a galé real:

«Vinhão todas as galés cuidadosamente concertadas de flamulas e galhardetes, assinalando-se a Real entre todas na riqueza das suas bordadas flamulas, que levava nos mastros, vergas, e enxarcea; vinhão por hũa e outra banda dos filaretes tantos galhardetes bordados como remos, que eram sessenta; a chusma de quatrocentos e vinte forçados, vestida de damasco carmesi; os remos doirados até o meio, como era tudo de popa a proa, cuja esculltura por fóra era perfeitissima, e por dentro lavrada de custosa tauxia de nogueira, e ebano e prata, com industriosos lavores, e com os mesmos era ornada a ante-popa, que por sua capacidade parecia uma praça d'armas.»

Esta descripção, feita por testimunha ocular, deixa ajuizar da magnificencia da galé real de D. Filippe III de Castella. Do seu tamanho tambem se póde julgar pelo numero dos tripulantes que o mesmo auctor lhe dá. Os quatrocentos e vinte forçados, distribuidos pelos sessenta remos, correspondem a sete homens para cada remo, o que não é de mais, attendendo-se ao comprimento e peso que os remos deviam ter, e á força que seria necessario empregar para mover com grande presteza tão pesada embarcação. Quanto ao feitio d'ella, póde ver-se na gravura que adorna a referida obra, e que representa o panorama de Lisboa do lado do rio, e o apparatoso desembarque do rei de Castella. Como a gravura tem de comprimento 66 centimetros, mostra a galé real, e as outras galés que formavam o cortejo, em proporções sufficientes, não para se avaliar o desenho e primor da ornamentação, mas sim para se conhecer exactamente o feitio e armação das embarcações.

Tanto a real como as outras galés assimilhavam-se na fórma do casco e nos seus dois mastros, mas não nas velas, a um hiate da actualidade. Eram por conseguinte parecidos, com algumas modificações, aos dois hiates ou bergantins reaes que ainda existiam no Tejo em 1834, um chamado *Monte de Oiro*, que pertenceu a el-rei D. João VI, e o outro denominado *Doiradinha*, que foi feito no Porto em 1831 para uso do sr. D. Miguel de Bragança, os quaes serviam para navegar no rio ou no Oceano em viagem costeira.

As proas das galés de Filippe III eram muito differentes das d'estes hiates; e outra maior differença se dava na ré, pois que estes ultimos tinham camara, como os navios, e n'aquellas o logar destinado para as pessoas reaes era em cima da coberta, e debaixo de um rico pavilhão, que se erguia sobre as bordas da galé, á maneira do toldo nos escaleres.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

JOAQUIM HELIODORO DA CUNHA RIVARA

(Vid. pag. 51)

II

Sobravam em verdade no sr. Rivara, afóra outros, os dotes de conselho e execução necessarios para a util gerencia das coisas publicas, do que tem dado depois provas plenas e irrecusaveis. Conservára-se elle, comtudo, tão arredado dos bandos politicos, e de tal sorte estranho ás luctas civis, em que durante muitos annos andaram, como ainda agora, divididos os animos e discordes as vontades com desproveito do paiz, que alguns seus amigos acharam causa para admiração ao verem-n'o trocar a cadeira de professor pelo mandato de representante ás cortes, acceitando o diploma de deputado, com que os seus concidadãos o distinguiram no anno de 1853, em que saiu eleito por Evora, districto da sua naturalidade, cremos que com pouca ou nenhuma opposição.

Ao tomar parte nos trabalhos parlamentares, manifestou logo praticamente os seus principios de ordem e conciliação, approvando com voto sempre consciencioso as medidas e propostas apresentadas pelo governo, e que tendiam á regularisação e melhoramento do serviço do estado nos seus diversos ramos. Inimigo de longas e palavrosas discussões, como quem bem conhecia o valor do tempo, procurava quanto n'elle era evitar o seu desperdicio; e só tomou poucas vezes a palavra em questões administrativas ou de instrucção publica, nas quaes sua illustração, e a experiencia adquirida, lhe davam peso e auctoridade. Eram os seus discursos cerrados e concisos, distinguindo-se pela deducção logica dos raciocinios, e pela clareza e brevidade da exposição, sem que n'elles apparecessem as phrases campanudas, as argucias e conceitos rebuscados, as metaphoras arrastradas, que certos oradores prodigalisam a esmo, com abuso do talento e escandalo da razão, postergando de ordinario as regras da verdadeira eloquencia, e até as do senso commum [1]. Entrou em varias commissões importantes, sendo uma d'estas a do inquerito a que por aquelle tempo se mandou proceder no banco de Portugal.

Vagando em 1854, por obito do nosso illustre poeta e litterato José Maria da Costa e Silva, o logar de escrivão da camara municipal de Lisboa, foi o sr. Rivara um dos concurrentes que então se apresentaram, solicitando o provimento n'aquelle cargo. E seria talvez preferido, pois reunia para exercel-o idoneidade e meritos mais que sobejos, se a camara não tomasse em fim a deliberação de que a escolha fosse feita por accesso entre os seus actuaes empregados: resultando ser proposto ao governo, e confirmado no cargo por decreto de 16 de outubro do dito anno, o sr. Nuno de Sá Pamplona, a quem por direito competia segundo o principio adoptado, e que ainda hoje habil e zelosamente o desempenha.

Um destino providencial impediu de certo que o sr. Rivara lograsse por então o fim das suas aspirações, para dar-lhe pouco depois outra collocação mais vantajosa, em que podesse prestar á patria novos e valiosos serviços. Sendo nomeado governador geral da India o fallecido Antonio Cesar de Vasconcellos Corrêa, juntamente condecorado n'aquella occasião com o titulo de visconde, e mais tarde com o de conde de Torres Novas, este, que na camara dos deputados tivera opportunidade de conhecer e apreciar as distinctas qualidades do seu collega, escolheu e propoz para secretario geral do estado o sr. Rivara. A proposta foi acceita, e a nomeação conferida por decreto de 3 de junho de 1855. Concluidos os aprestos necessarios, governador e secretario seguiram para o seu destino pela via do Mediterraneo em setembro immediato, e aportaram a Goa no 1.º de novembro.

Não estamos de presente habilitado, nem o comportaria o espaço de que podêmos dispor, para entrar em particularidades minuciosas ácerca do modo como o secretario geral do governo da India se tem havido na gerencia do cargo, em que successivamente ha sido reconduzido por decretos de 30 de março de 1858, e 20 de egual mez de 1861. Sabemos sim, por dizel-o a voz geral não contestada, que á sua parte e por iniciativa propria, mediante a confiança que n'elle depositam os governadores com que ha servido, tem valiosamente cooperado para a realisação dos melhoramentos administrativos, economicos e industriaes que os estados portuguezes na India experimentam progressivamente de onze annos a esta parte; melhoramentos em que tambem se incluem os da educação popular e instrucção publica, que ao illustrado secretario geral não podem deixar de merecer pela indole que o caracterisa mais attenta e especial predilecção.

Que o governo se dá por satisfeito e contente do seu serviço, mostram-n'o, além do facto da recondução, as distincções honorificas (e cremos que não solicitadas) com que gradualmente o tem remunerado, e as commissões especiaes, por vezes confiadas ao seu zelo e intelligencia. Sobresae entre estas a de commissario regio para a circumscripção dos bispados da India pertencentes ao padroado portuguez, regulado pela concordata de 21 de fevereiro de 1857. Strenuo e zeloso campeão das regalias da coroa, o sr. Rivara tem empenhado todos os seus esforços na sustentação dos direitos que competem ao padroado, pugnando pelo decoro e honra nacional; e isto não só nas negociações officiaes, mas ainda como escriptor publico em polemicas levantadas na imprensa, combatendo victoriosamente em diversos opusculos com as armas da razão as injustas pretenções e demasias dos vigarios apostolicos.

Uma honrosa portaria do ministerio da marinha, datada de 31 de maio de 1858, e que lemos por esse tempo impressa no *Diario do Governo*, auctorisou o governador geral da India a prestar ao sr. Rivara todo o auxilio para que podesse, como se propunha, continuar os trabalhos historicos de Barros e Couto sobre as conquistas e dominio dos portuguezes na Asia. Mandava outrosim que se lhe abonassem todas as despezas por elle feitas nas visitas que houvesse de emprehender fóra de Goa para pesquizar e recolher esclarecimentos relativos aos factos e successos da epocha destinada a servir de assumpto áquella continuação, etc. etc.

Sabemos que, sem aproveitar o favor pecuniario que a portaria lhe conferia, e por conseguinte sem gravame do thesouro, o sr. Rivara tem effectivamente corrido e visitado com diligente investigação, desde Diu até ao cabo Comorim, e desde a costa do Malabar até á de Choromandel, os logares mais notaveis onde ou as magestosas ruinas, ou os monumentos que ainda existem de pé, attestam os feitos gloriosos de nossos maiores n'aquellas paragens.

Não são poucos, nem de pequena monta, os subsidios colhidos n'estas excursões. Avultam, porém, so-

---

1 Vestida da sua propria formosura,
Não de outras côres vans e lisongeiras,
Apparece a verdade clara e pura.
FERREIRA — *Elegia* VI.

bre todos, os que offerecem os archivos do governo geral da India, que o sr. Rivara tem examinado tão attenta e pacientemente, como se prova dos numerosos documentos por elle extrahidos d'essa mina riquissima, e postos ao alcânce da curiosidade publica, já em volumes e opusculos separadamente impressos, já insertos no *Boletim official do Governo*, no *Chronista de Tissuary*, e em outras publicações periodicas. Fontes preciosas e de summa importancia para a historia, é n'esses documentos authenticos que se encontra a cada passo a razão de ser, e o encadeamento dos successos; e não poucas vezes a rectificação de factos que corriam alterados por tradições fabulosas, ou a destruição de inveterados preconceitos.

Estas, que seriam para outros molestas e enfadonhas occupações, servem ao illustre secretario geral de distracção recreativa nos trabalhos inherentes ao cargo: e mais fundiriam as suas vigilias, se a falta de quem copie com geito documentos muitas vezes illegiveis, o não obrigasse a gastar elle proprio n'essas cópias, e na fastidiosa revisão de provas typographicas, um tempo que podéra ser mais utilmente empregado.

(Continúa) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

O QUE É POESIA

(Vid. pag. 58)

Na sala havia um piano.

— A poesia, a pintura e a musica são irmãs. Já que nos entretivemos com as duas primeiras, é justo que tambem nos não deslembremos da ultima, disse a D. Anna apontando para o piano.

— Deixe-me agora de musica, Antonio, que isso fica para as raparigas.

— Se se julga edosa, remoce pois, D. Anna, cantando com acompanhamento do piano uma d'aquellas barcarollas que tanto agradavam a Pepe.

— Ha um seculo que não me sento ao piano, por causa do trabalho que me dão estes rapazes...

— Vamos, mamã, faça-nos a vontade; execute alguma coisa ao piano, disse Mariquita vindo em meu auxilio.

— Mau e rogado é duas vezes mau, respondeu por fim D. Anna sentando-se ao piano.

E começou a tocar e cantar uma barcarolla de Arrieta, cheia da suavissima melancolia que este inspirado artista derrama em todas as suas delicadas composições.

Aquelle canto e aquellas melodias começaram a submergir-nos em uma especie de extases inexplicavel, e quando D. Anna se levantou do piano, tanto os seus olhos como os de Mariquita e os meus estavam incendidos e humedecidos.

Todas as recordações doces e amorosas que encerrava a minha vida tinham-se-me acordado no coração ao ouvir aquelle melancolico e terno canto, e julgo firmemente que egual sentimento fizera affluir as lagrimas aos olhos de D. Anna e de Mariquita.

— Antonio, disse D. Anna, que terá a musica que faz sentir isto que sentimos agora?

— O que tem e o que derrama na alma é poesia, respondi.

Pouco depois fomos dar um passeio pelo quintal. O moço loiro poz-se a cantar uma quadra allusiva a Mariquita, em que lhe dizia, figuradamente, que se o azul era mais do seu agrado, mais lhe agradava ella a elle.

— Canta bem esse mancebo! disse Mariquita. E é bem gentil!

— Como o sabe já, minha filha, respondeu D. Anna. Mariquita fez-se córada como uma rosa.

— Ora!... replicou Mariquita, abaixando os olhos, sumindo a voz e pondo-se encarnada como um cravo; tem coisas vossemecês!...

— Temos noivo á vista, hein?

— Noivo?!

— É, é!... exclamou Pepito, dependurando-se-me do fato, e fazendo-me escudo dos beliscões que lhe dava a irmã para que se calasse.

O gaiatito fez-me signal com a mão para que me inclinasse; inclinei-me, e então disse-me ao ouvido, olhando de soslaio a fim de ver se a irmã se aproximava:

— No outro dia fui com a Mariquita á fonte e encontrámos o loiro, que tinha um cravo na boca. O loiro disse a Mariquita: «Abençoada seja a mãe que te deu o ser!» e atirou-lhe o cravo. Mariquita ficou muito contente, e, depois que se foi o loiro, beijou o cravo e tinha lagrimas nos olhos. Eu vi tudo. Sabes o que é isso?

Ia responder que tudo aquillo era poesia; mas lembrei-me de que quem m'o perguntava era Pepito e não sua mãe, e respondi ao ouvido do menino:

— É que quando os meninos contam o que ouvem ou vêem sem que ninguem lh'o pergunte, vem um passarinho muito feio, muito feio, e, zás! dá-lhes uma bicada muito forte, muito forte, na lingua.

— Anda, mau! Já não quero nada comtigo! disse Pepito mostrando-se enfadado, e deixando-me em liberdade o fato para se ir agarrar ao vestido da mãe.

Apesar de ter apparentado não dar credito ao que lhe dissera, o rapazinho parecia estar com medo, pois não tornei a ouvil-o o resto da tarde, e, assim que esvoaçava algum passarinho no sitio em que estavamos, córava e escondia-se entre as saias de D. Anna.

Discorremos de um ao outro extremo pelo quintal, que tinha honras de jardim, e estava tão delicioso como a tarde, e gozámos, entre outras coisas, do concerto magnifico que nos deram os passaros.

Estes artistas sabiam muito bem que não eram aquellas as suas melhores horas de inspiração; mas disseram: «Não ha remedio senão fazer das tripas coração para obsequiar os forasteiros,» e cantaram como nunca.

Em uma pequena collina que se erguia no extremo do quintal parámos silenciosos. O sol declinava atraz das longinquas escarpadas do occidente, e os ultimos e amarellentos raios banhavam de vaga e mysteriosa luz a campina. Ouviam-se ao longe os cantares do lavrador que recolhia os instrumentos da lavoira para voltar á aldeia, e figurou-se-nos que a aprazivel brisa da tarde trazia até nós o toque de uns sinos misturado com os vagos rumores do monte e da campina, e o murmurio do Guadarrama, cuja corrente parecia calar-se quando a brisa não vinha acariciar-nos a fronte. Murmurios, perfumes, canticos de passaros, o sol chegando ao occaso... tudo isto dava ao nosso coração dulcissima melancolia.

Olhei em redor de mim. Mariquita e os meninos tinham desapparecido, e só D. Anna estava ao meu lado, entregue áquella especie de extases que me embargava os sentidos. Ignoro se os meus olhos estavam humidos; mas pareceu-me descobrir uma lagrima nos de D. Anna.

— Ficou muito pensativa! disse eu a esta.

— Olha quem falla!... respondeu-me fazendo um esforço para sorrir.

— Em que pensa?

— Em que hei de pensar! Em meu marido, nos meus filhos, nos meus paes, que estejam com Deus, em meus irmãos, em... em fim, em todas as pessoas que me estimam e a quem eu estimo.

— E por que pensa n'ellas agora com mais ternura e mais amor que das outras vezes?

— Era isso exactamente que lhe ia perguntar. Que

será esta suave tristeza, este intimo affecto, este desejo de chorar que sentimos quando parâmos para ver como o sol se põe, e para ouvir esses rumores confusos que o vento nos traz ao anoitecer?

— D. Anna, quer saber o que é isso?

— Quero, sim!

— Isso é poesia!

— Bemdita seja a poesia, se é o que já se me vae figurando!

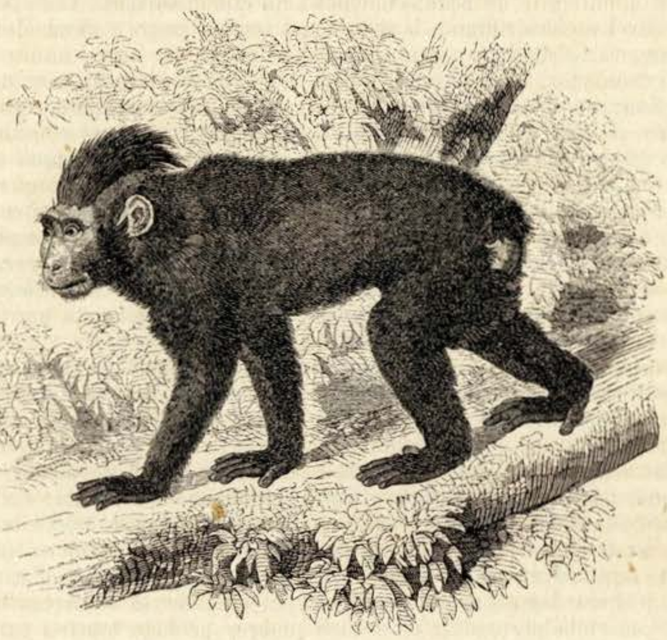
(Continúa)

O MACACO NEGRO

Dá-se o nome de *quadrumanos* a uma ordem de animaes da classe dos mammiferos, que, além das duas mãos similhantes ás do homem, tem os pés tão exactamente eguaes ás mãos na fórma, disposição e mobilidade dos dedos, que se servem d'elles para os mesmos usos que empregam aquellas, subindo e descendo pelas arvores ou pelas rochas, segurando com elles qualquer objecto, em fim, descascando as frutas e levando-as á boca com a mesma facilidade e ligeireza com que o fazem com as mãos.

Os quadrumanos, pois, a que entre nós se dá geralmente a denominação de *monos*, *macacos*, *bugios* e *saguins*, são divididos pelos naturalistas em muitos generos, a cada um dos quaes a sciencia applicou um nome especial, segundo certas differenças que entre si apresentam, taes como maior ou menor numero de dentes, diversidade na fórma d'estes, ter ou não ter cauda, etc.

Entre esses differentes generos conta-se um chamado *cynopithecus*, que encerra algumas poucas especies, de que é typo o *cynopithecus niger*, representado na gravura que acompanha este artigo. Ha vinte annos apenas esta especie era conhecida.



Macaco negro

Vive este macaco nas ilhas Celebes e em algumas outras situadas entre Borneo e Mendanão. Nas Filippinas ha grande quantidade d'estes animaes.

O cynopitheco negro é corpulento, vigoroso e de côr preta, como o indica o seu nome, á excepção das calosidades, que são côr de carne. Guarnece-lhe o rosto uma como franja de pellos compridos, que remata em um topete sobre a fronte, deitado para traz, á maneira de um cocar de plumas. Têm as orelhas pequenas, arredondadas e orladas de pellos, e os olhos extraordinariamente vivos. Não tem cauda.

Posto que á primeira vista pareça ser de um caracter violento, é dotado de indole branda e docil, pelo que facilmente se domestica.

Sendo os quadrumanos, em geral, tanto os mais ferozes, como os mansos, muito vingativos contra quem os maltratar, ou de qualquer modo os offender, o cynopitheco negro raras vezes se deixa possuir do desejo de vingança. Para isso é preciso que a offensa seja muito grande ou muitas vezes repetida. Isto referem alguns viajantes, que os viram e examinaram de perto os seus costumes.

No estado selvagem sustenta-se de frutas, raizes e insectos. No estado de domesticidade habitua-se sem muito custo aos alimentos que lhe querem dar.

I. de Vilhena Barbosa.

DESCOBRIMENTOS DOS PORTUGUEZES NOS SECULOS XV E XVI

(Vid. pag. 61)

Diogo Lopes de Sequeira, levando comsigo Fernão de Magalhães, chegára a Sumatra e a Malaca, onde assentou feitoria.

Descobrira Tristão da Cunha as ilhas que ainda guardam o seu nome, fôra a Socotorá, desembarcára com Ruy Coitinho na ilha de Madagascar, a que chamou de S. Lourenço, e que simultaneamente visitára Fernão Soares.

Havia então em Portugal abundancia de verdades, espadas largas e portuguezes de oiro, que se expediam successivamente para a India. Nem mais verdade, nem espada mais larga, nem portuguez mais de oiro, alli enviámos, do que Affonso de Albuquerque.

Albuquerque, Napoleão portuguez, foi o primeiro que depois de Alexandre passou á India como conquistador, e, mais do que Alexandre, como civilisador.

O braço de Albuquerque rende a forte Ormuz. Ormuz, á qual chamava a pedra do annel formado pela India! Ormuz, onde recebe embaixadores do xeque Ismael, que lhe pedem pareas como tributario, e a quem manda entregar pelouros e lanças, dizendo-lhes

que é aquella a moeda com que el-rei de Portugal paga tributo aos reis da India.

Ormuz é pouco, fecha apenas o golpho persico. Como o estreito arabico é guardado por Socotorá e Camaram, mais é preciso assentar fortaleza e dominio em Goa e Malaca. Caem, pois, em poder do illustre Albuquerque a doirada Goa e a riquissima Malaca. Expede embaixadores e descobridores para Sião, Duarte Fernandes e Ruy da Cunha ao Pegú, e a Maluco Antonio de Abreu.

Assim consegue o esclarecido Affonso dominar da pequena ilha de Goa todo o Oriente, fechar nas mãos do rei de Portugal aquelle vastissimo emporio, aproveitar e governar o commercio do mundo!

Das lides do cêrco descança Albuquerque na fadiga da conquista, repoisando depois na lucta dos temporaes, para em fim se entregar ao duro encargo de reger e administrar tão dilatados dominios, tão extenso commercio, tão variados interesses, tão diversos e numerosos subalternos.

Não ha logar para admiração: os acontecimentos succedem-se com incrivel rapidez durante o governo de Albuquerque. Havemos de admirar o genio, o esforço, a ousadia do governador, ou a negrura e perfidia dos invejosos? Nunca tão baixos sentimentos sacrificaram mais nobre victima. Albuquerque, levantando a sua patria ao apogeo do esplendor, ao cumulo da opulencia, recebe em troca de taes serviços a mais negra ingratidão; e, quando o desprezo da corte pretende affrontar o nobre Albuquerque, elle, ralado pelo desgosto, consumido pela febre que o devora, definha e fallece, acolhendo-se á egreja *mal com o rei por amor dos homens, e mal com os homens por amor del-rei.*

Indigno do nome portuguez fôra eu, se tratando dos descobrimentos dos portuguezes nos seculos XV e XVI, das causas que os determinaram e dos resultados que derivaram d'esses descobrimentos, deixasse de pronunciar os venerandos nomes do illustre Almeida e do grande Albuquerque. Lamento que me falte o tempo, e que, pronunciando apenas os nomes d'aquelles immortaes varões, tenha de passar em silencio os bravos feitos do intrepido Duarte Pacheco e de outros heroes que levantaram á altura das primeiras marinhas dos passados seculos a marinha portugueza no decimo sexto seculo.

Não posso fazel-o, porque é pouco o tempo que me resta para ainda tratar de tantas e tão grandes acções, de tantos e tão nobres feitos, e para satisfazer á terceira parte do meu ponto. Resumirei, pois, quanto podér, nos mais estrictos limites de uma resenha, e não de larga narrativa, os acontecimentos que se succedem. Outro tanto não devia nem podia fazel-o com os anteriores factos. Foi d'elles, e do systema seguido para o seu conseguimento, que se obtiveram os resultados espantosos que passarei a expor. Não podia, pois, deixar de consagrar alguns minutos á memoria de portuguezes que logram occupar largas e brilhantes paginas de todos os sinceros historiadores, de todos os philosophos que hão registado o progressivo caminhar dos povos na senda da civilisação, na estrada do progresso.

Cruzam-se nos mares as rótas dos galeões portuguezes. A caravela desfralda altiva a bandeira da ordem de Christo, guardando do estrangeiro accesso a costa africana.

A galé sulca, e secunda nas paragens do Oriente os esforços dos nossos contra a traição dos naturaes.

Levantado o véo, exposto o Oriente a todas as vistas, tornam-se habituaes os portuguezes na manobra dos navios, no conhecimento dos tempos e das costas, e, arrojadamente curiosos, tudo devassam, tudo visitam, tudo observam, buscando os terminos do mundo.

É assim que ao perpassar das naus se apresentam as ilhas de Pedro Mascarenhas; é assim que Duarte Coelho vae á Cochinchina, Andrade desembarca na China, Jorge Mascarenhas em a Liewquiew, Antonio Corrêa no Pegú; é assim que a Asia insular é reconhecida, e que a terra depois chamada Nova Hollanda é expugnada; é assim que o Japão se depara á admiração dos capitães e ao zelo fervoroso dos missionarios. As feridas da espada conquistadora eram curadas com o balsamo da religião. Onde apparecia a espada brilhava a cruz. Quando o soldado bradava «Guerra!», o sacerdote solicitava paz e misericordia. Foi assim que nós conquistámos, foi assim que nós civilisámos... Esqueçamos os desvios de quem por vezes deixou de imitar o padre por excellencia, o missionario por dedicação, o martyr voluntario, o apostolo do Oriente, S. Francisco Xavier, em fim.

Morrêra D. Francisco de Almeida ás mãos dos negros, finára-se Albuquerque ralado pelos desgostos, fallecêra el-rei D. Manuel seguindo de perto o seu mais valente capitão, expirára o nobre Gama na India que descobríra. Tão apressados em caminhar para o tumulo como o foram de se immortalisar, presagio devia ser do negro futuro que aguardava a sua patria. Rei venturoso, feliz de ti, que ao legar tantos reinos, tantas glorias e tanto oiro, soubeste escrever em doiradas paginas a historia do teu reinado de vinte e seis annos, tão povoada de heroicidades, tão abundante de nobres feitos, que bem vale por si sómente toda a historia de um povo. E se quiz Deus que fosse negra uma de tantas paginas de oiro, foi de certo para provar ás futuras gerações que existiu em verdade o reino que aliás tomariam por fabuloso, e que o rei d'esse reino foi um homem, D. Manuel, e não um Deus.

Taes homens não morrem, vivem sempre na memoria. E vivem para guardar o que conquistaram, e vivem para dar exemplo dos seus feitos, e vivem para incitar novos commettimentos, e vivem bem de pé, encostados ao leme do galeão, segurando a penna ou empunhando a espada, em quanto vive o derradeiro que os conheceu. Foi a estes homens que governou D. João III. Estavam os ceos serenos e limpidos á hora em que os reis d'armas bradaram «Arrayal!», por elle, turvos e carregados os deixou ao soarem os dobres pedindo orações para a sua alma. Foi com a seiva do reinado de D. Manuel que vegetou o de D. João III — seiva que bem podia sustentar ainda a opulenta e pesada coroa que mais tarde havia de despedaçar-se no solo africano, de encontro ás lanças do infiel. Se já não ascendia a estrella que brilhava no ceo, essa estrella brilhava comtudo, e ainda não descendia. O occaso... era, portanto, imprevisto.

(Continúa) ANTONIO FILIPPE MARX DE SORI.

SCIENCIA POPULAR

I

O PÃO

Ninguem ha que não coma, pouca gente sabe comer. Este um aphorismo, que á primeira vista parecêra paradoxal, senão totalmente erroneo, se a sciencia moderna, a sciencia que tem por alicerce a experiencia rigorosa, e por guia e luminar o raciocinio e a inducção, não lhe houvesse demonstrado a verdade.

O comer é hoje uma sciencia, com os seus preceitos e regras, com os seus principios e bases. A similhança de todas as outras sciencias, a gastronomia tem percorrido todos os estadios, desde a maneira rudimentar e repugnante por que o selvagem satisfaz as exigencias do estomago, até á errada perfeição com que um

epicureo, um *gourmet émérite* dos nossos dias, mastiga e saboreia manjar opiparo e delicado.

A gastronomia, qual a entendem os pontifices d'ella, é uma aberração do espirito... e do estomago humano. O problema que incumbe á sciencia moderna resolver não é apresentar os preceitos da boa arte de cozinhar e preparar festins babylonicos ou ágapes romanos.

Não cura a sciencia de amontoar iguarias sobre a mesa do rico, ao tempo que á porta dos palacios, em cujas salas e galerias se congregam e banqueteiam os opulentos, geme o povo e ullula de fome, e, apertando o estomago com uma das mãos, estende a outra á caridade publica e pede o obulo dos miseros.

Não! A sciencia é mais alguma coisa do que vil cortezã dos poderosos: é amiga e conselheira dos desvalidos, é como aquellas virgens impollutas, de rosto candido e puro, olhos fendidos e rasgados, aonde se reflecte um raio divino, as quaes os poetas christãos nos pintam em horas de angustias, povoando os hospitaes, enxugando o pranto, abafando os suspiros, surgindo em toda a parte, como mensageiras de Deus, aonde se abre uma ferida, aonde se ergue um grito de dor.

Tal é a sciencia, o consorcio amoravel de todos os esforços, a orchestra de todas as harmonias, o conjuncto de todas as aspirações generosas, a fé viva e inquebrantavel, o supremo anciar para o bem de todos, para as conquistas da paz e da civilisação!

Ninguem peça á sciencia, a essa virgem pudica e velada pelo sendal das aspirações grandiosas, o renovamento dos antigos festins em que os poderosos tripudiavam sobre os humildes. Os Balthazares, os Vitellius, os Lucullos, as Cleopatras, os castellões da meia edade, e os proprios Luiz XIV e D. João V, não são já da nossa edade. A sciencia não se roja hoje aos pés dos Cesares, nem envida esforços só para encher as horas de ocio dos homens divinos. A realeza está na humanidade. Os grandes são os humildes. O evangelho rebrilha agora, e o novo Christo é a sciencia, que cura o grande Lazaro denominado — povo. Por ti e para ti, ó rei, cujo diadema é a desgraça e o soffrer, se acurvam os sabios sobre o infinitamente pequeno! Por ti e para ti se erguem indomitos até ao infinitamente grande!

II

É o corpo humano uma machina intelligente e voluntaria, que não póde viver e mover-se sem alimento e reparações continuadas.

No corpo humano, assim como em todas as machinas, necessita o trabalho de força viva que o sustente, a qual, entre certos limites, se augmentar ou diminuir, augmentará ou diminuirá aquelle.

Analysemos a machina de vapor, a creação admiravel e estupenda de um dos maiores genios da humanidade, Minerva que saíu armada e aprestada do cerebro jovico de Watt; analysemos a machina de vapor, e conheceremos o segredo da alimentação.

Para que a machina possa trabalhar é necessario applicar-lhe o movimento, por meio do calor, que vaporisa a agua. Mas, á medida que o tempo corre, a machina vae-se estragando; arruinam-se os seus orgãos, alteram-se os seus membros, e, a final, é necessario reparar e concertar.

Pois este é o cyclo vital do corpo humano e de todo o vivente. Se o homem vive e trabalha, é porque os alimentos lhe dão calor; mas se não houvesse outros que reparassem os estragos e gastos dos orgãos e apparelhos, a machina estacionára em breve, por muito que fosse o calor applicado.

A alimentação do homem deve, pois, constar de duas qualidades de alimentos: plasticos e respiratorios. Aquelles constroem, estes animam; aquelles conservam, regeneram e aperfeiçoam a machina, estes dão-lhe vida e movimento. Servem uns para aquecer o corpo e queimarem-se nos pulmões em contacto com o oxygeneo do ar; incumbe aos outros fortalecer e renovar os tecidos e todos os orgãos que constituem o corpo.

Sendo, como é, o estomago a mola reál do organismo, o laboratorio aonde se exercita a actividade gastrica, que depois se reparte pelo corpo e gera o trabalho humano em todas as suas multiplices e variadissimas manifestações, tudo o que se refere, mais ou menos directamente, á alimentação, é de alto momento e grande tomo.

Não é o fim ou intuito d'estes artigos de sciencia popular rastrear, ainda de leve, as bellas doutrinas apregoadas e defendidas pelos modernos physiologos sobre a divisão e classificação dos alimentos, e os muitos pontos subsidiarios e importantissimos, mais ou menos intimamente ligados a estas questões. Resumiremos, todavia, os topicos principaes, antes de entrarmos no que é propriamente assumpto d'este trabalho popular.

O estilo é o homem, dizia Buffon; melhor e mais discretamente se poderia dizer que o alimento é o homem. Sem que devam taxar-nos de materialistas, podêmos dizer que sem o phosphoro, com que todos os dias se locupleta e enriquece o cerebro, não haveria idéas. Certo que os pensamentos dos grandes philosophos e respeitaveis genios, que em todas as epochas impellem e conduzem a humanidade, não se manifestariam tão esplendidamente se o estomago os não ajudasse com o exercicio regular e periodico das suas funcções.

Voltemo-nos, porém, ao nosso thema. Dividir os alimentos nas duas classes não é rigorosamente verdadeiro. Todas as iguarias contém em grau diverso elementos respiratorios e plasticos; segundo o excesso de um e de outros, assim se classificam. Alimentos que contém em subido grau a albumina, a caseina e a fibrina, como acontece nos ovos, no queijo e na carne, chamam-se plasticos; são respiratorios as gorduras, o amido, o assucar, o vinho, o café, a aguardente, etc.

Temperar a dóse e quantidade relativa d'estes alimentos é quasi impossivel, porque a alimentação não só varia de individuo para individuo, senão com o clima, a latitude, a estação, o modo de viver, o temperamento e indole propria, e outros elementos. O grande principio de alimentação, considerada scientificamente, consiste em manter o equilibrio nas funcções, de modo que o trabalho obtido seja maximo, sendo relativamente minimos os esforços.

Já o dissemos acima. Não nos incumbe tratar da alimentação, nem pretendemos explanar todas as theorias aventadas quotidianamente. Por isso, e porque limitado é o espaço que o *Archivo* póde offertar-nos, restringir-nos-hemos ao titulo d'este artigo.

Fallemos do pão, d'esse alimento por excellencia, que as religiões antigas tomaram como symbolo, que os gregos adoraram e representaram em Ceres, e ao qual prestaram culto nos seus *dolmens*, e sob a copa das florestas, os druidas sanguinarios, os rudes sacerdotes dos celtas, que, á feição de Velleda, traziam á cinta foices de oiro.

Fallemos do pão, que a religião do Crucificado sanctificou na oração dominical, assim como a Biblia já o havia sanctificado em tantas passagens de alma poesia.

Quem não se lembra da formosa Ruth, a linda cegadora, respigando no campo de Booz para sustentar a pobre Noemi? Quem não se recorda do episodio de Benjamim e José? O pão é ainda agora o symbolo da civilisação moderna: é o esteio aonde se apoiam as nações, a base de todo esse labutar creador que todos os dias transmuda a face da terra.

O pão acompanhou a humanidade desde as primiti-

vas epochas até hoje. A elle deve a raça caucasica o seu predominio, a sua realeza, que é a da intelligencia e do trabalho. Se não houvesse pão, o mundo seria um deserto, e talvez ainda nos nossos dias, nas florestas européas, vaguearia um bando de anthropophagos disputando com os lobos as entranhas palpitantes da victima, como na Nova Zelandia, nossa antipoda.

Bem fez, pois, a sciencia moderna em estudar continua e diuturnamente os processos de fabricar pão. Se este é o alimento principal, convem que para todos chegue e que todos possam sentar-se ao farto banquete.

Não se desdoira a sciencia d'estas utilissimas conquistas, que nem só a observação dos grandes phenomenos e o estudo das leis da harmonia lhe tomam a incessante actividade. A sciencia é como Ruth; não se deslustra em respigar, se d'ahi vier algum bem para a humanidade.

E depois, que problema mais santo, mais grandioso, mais digno da magestade suprema da sciencia, do que o fabrico barato e prodigo do bom pão; do pão, que ainda hoje é quasi apanagio exclusivo dos ricos; do pão, que, sendo a eucharistia da civilisação, deve ser repartido com mãos largas por todos os que trabalham e tressuam, por todos os que lidam na faina improba do trabalho, e que, quando as sombras da noite cerram a officina e invadem os campos, recolhem ao albergue, aonde — quantas vezes! — encontram a miseria, a nudez, o desamparo, a fome, elles, os atlantes do mundo, em logar do gasalhado e conforto, que a sociedade avara lhes recusa!

Dae pão ao povo, senão a vossa civilisação é pungente ironia, mentira solemne! Ministrae-lhe o alimento com que se robusteça, se quereis que o verbo sacrosanto da idéa se traduza em obras formidaveis!

Por isso, aqui o repetimos, bemvindos e festejados são os trabalhos dos sabios que curam de embaratecer e melhorar o pão.

Bemvindos, porque enxugam prantos e dão alentos. Não é só em nome da sciencia que esses sabios devem ser agradecidos; mas sim, e principalmente, em nome da humanidade.

A. Osorio de Vasconcellos.

A EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA PORTUGUEZA EM PARIS

I

O missal que se guarda na bibliotheca da academia real das sciencias de Lisboa, que na exposição de Paris, no presente anno de 1867, alli tem sido muito admirado como um primor de arte.

Entre as preciosidades litterarias que se acham depositadas na bibliotheca da academia real das sciencias de Lisboa, se conta o magnifico missal (só para pontifical), pouco maior que os de tamanho ordinario, encadernado em veludo carmesi com fechos e guarnições de prata lavrada, constando de 44 folhas de pergaminho fino, nas quaes, desde a primeira até á ultima pagina, se admira uma grande variedade de desenhos (tudo feito á penna), com que as margens são embellezadas dos mais lindos ornatos adequados ao objecto; encerrando em si tantas maravilhas quantas são as estampas que contém, que são em numero de onze: a 1.ª é o frontispicio, o qual representa um portico com emblemas episcopaes, tendo na base, do lado direito, o retrato de S. Thomaz de Villa Nova, arcebispo de Valença, e do lado esquerdo o de S. Carlos Borromeu, arcebispo de Milão; as armas da *casa dos Manueis*, sob cujo escudo se lêem estas palavras: *Ferctibus notior;* e differentes ornatos em allusão ao Mecenas, a quem seu auctor o offertou; e abaixo das armas, no meio da tarja, tem a seguinte legenda: *Steph. Abbas Sereicensis Fec.* 1610: a 2.ª a Adoração dos Pastores: 3.ª a Adoração dos Reis Magos: 4.ª a Ceia do Senhor: 5.ª o Senhor no Calvario: 6.ª Resurreição do Senhor: 7.ª Descida do Espirito Santo: 8.ª Assumpção de Nossa Senhora: 9.ª Cadafalso [1]: 10.ª o Menino entre os Doutores: 11.ª Nossa Senhora recebendo o Menino das mãos de S. Francisco de Assis.

Este precioso monumento só é bastante para dar uma perfeita idéa do grande talento e merito do seu auctor na arte de pintura, de pennejado e colorido. Foi elle o insigne Estevão Gonçalves Neto, capellão do bispo de Vizeu D. João Manuel [2], que o provêra a conego da sua cathedral em 8 de outubro de 1622 [3]. O trabalho que se observa n'este famoso missal é, na verdade, bellissimo e cheio de muita novidade; o desenho é correcto, o colorido admiravel, e mui comparado ao de Frederico Fiori Barrocci (da eschola romana), assim como ao de Thaddeo Zuccaro (da eschola romana). Parece ter elle elegido estes dois famosos pintores da mesma eschola para modelos de sua obra, pela qual não só merece louvor o seu grande genio e fertil imaginação, mas até que se lhe dê o nome de pintor sublime.

Tendo sempre seu auctor gravada na memoria a lembrança de todos os beneficios que lhe fizera seu dignissimo prelado, os quaes o constituiram devedor de mui grandes obrigações para com elle, pois que, de seu familiar, o elevára á dignidade de conego da sua sé de Vizeu, lhe offertou este precioso manuscripto, como um penhor de gratidão, respeito e amizade áquelle que era grande em sangue, em letras e amor da patria; o qual, acceitando-o, o fez depositar, por ser uma obra singular no seu genero, na livraria dos padres do convento de Nossa Senhora de Jesus, onde se conserva, que é hoje propriedade da academia real das sciencias de Lisboa, por portaria de 23 de outubro de 1834. Alli tem sido admirado pelos intelligentes, que tem reconhecido quanto seu celebre auctor soube entender excellentemente todas as regras da architectura, da perspectiva e ornato, de que é prova decisiva o referido missal.

Do conego Estevão Gonçalves Neto, ignora-se, até hoje, de quem foi filho, assim como d'onde era natural. Póde ser que fossem victimas do incendio que houve no cartorio do cabido da cidade de Vizeu no anno de 1711, estando na quinta de Fontello, os documentos respectivos á sua ordenação, que deveria ter apresentado no acto da sua collação; dos quaes havia de constar a sua filiação, naturalidade, etc. Segundo as regras da concordancia, as palavras *Abbas Sereicensis*, que são o substantivo e o seu adjectivo, que se lêem no frontispicio do missal, parece querem expressar *Abbade de Serem*, villa distante de Aveiro, no bispado de Coimbra. É muito provavel que elle alli exercesse as funcções de abbade no anno de 1610, quando deu principio á obra d'este missal. No livro das missas annuaes, que o cabido de Vizeu é obrigado a fazer celebrar por varias instituições, acham-se estabelecidas dez por sua alma e de seus paes, e cinco pela do bispo D. João Manuel. Na cathedral d'este bispado existia (não sei se ainda existe) um calix rico, que tinha no fundo da base as armas da familia dos Netos, com esta inscripção: *Gonsalves Neto — Anno* 1626 — *A. B. H. N.* Sómente consta ter fallecido em 29 de julho de 1627.

Abbade de Castro.

[1] Logar levantado onde se fazem ceremonias publicas; monumento passageiro que se erige para celebrar as honras funebres, em differença dos monumentos, que são um moimento de pedra permanente para perpetuar a memoria dos heroes: esta differença é conhecida em todas as nações.

[2] Que era descendente del-rei o sr. D. Duarte, e filho de D. Nuno Manuel, senhor da casa da Atalaya, e de D. Joanna de Athaide, filha do 1.º conde da Castanheira. Foi depois bispo de Coimbra, e arcebispo de Lisboa até 4 de julho de 1633, em que falleceu.

[3] Vago por morte do conego Christovão de Mesquita.